

## O Presidente

Quando foi eleito para o mais alto cargo do Poder Executivo brasileiro, Washington Martins imaginou que o pior havia ficado para trás. Após mais de trinta anos na vida pública, ele construíra uma sólida e irretocável carreira. Sua ativa e incansável atuação parlamentar o lançara ao primeiro plano do cenário político nacional, fazendo com que fosse eleito para presidir a Câmara dos Deputados e o Senado Federal. Exemplo de probidade e de cuidado com o patrimônio público, Martins se destacou por projetos legislativos que diminuíram drasticamente a corrupção e o desperdício de dinheiro em todas as áreas da administração pública, em todas as esferas. A partir de leis criadas por ele, que visavam o aprimoramento da governança estatal e o combate aos desvios de verba pública, o Brasil finalmente havia conseguido extirpar o mal secular que vivia em suas entranhas desde tempos há muito idos.

Seu reconhecido trabalho no Congresso Federal o alçou para o cargo de Ministro da Justiça, onde trabalhou ativamente para mitigar as mazelas do sistema judiciário brasileiro. Martins enviou inúmeros projetos de lei para o parlamento, projetos estes que tinham como intuito diminuir a jurássica morosidade da Justiça do Brasil e atacavam o cerne daquele que talvez fosse o elemento mais deletério da sociedade tupiniquim: a impunidade de agentes públicos nos Três Poderes. Em seus quatro anos como ministro, o político mineiro executou um trabalho de qualidade e eficiência incomparáveis, fato que o credenciou ao cargo de Vice-Presidente da República. Após oito anos naquela posição, concorrer ao cargo de Presidente era algo mais do que natural.

A retidão de caráter, seu comportamento extremamente ético, sua incorruptibilidade e seu apego obsessivo aos *seus* valores morais renderam a Washington Martins a alcunha de **Coluna de Ferro**. Adversários, simpatizantes, amigos e inimigos reconheciam que era impossível fazê-lo dobrar-se contra seus preceitos, uma vez que ele julgasse que estes eram os certos. Durante a campanha eleitoral, seus oponentes descobriram que ele era simplesmente inatacável, pois não havia fato algum de sua biografia – pública ou particular – que pudesse ser usado contra ele. O resultado foi uma vitória avassaladora, no primeiro turno, com quase noventa por cento dos votos.

Uma vez instalado no Palácio do Planalto, Washington usou o peso de sua popularidade para forçar o Congresso Nacional a realizar todas as reformas necessárias para garantir ao Brasil o tão almejado título de nação desenvolvida. Seus primeiros quatro anos como mandatário mor da federação elevaram o país a um nível de pujança econômica, social,

cultural e educacional nunca atingido. Sua administração quase impecável lhe garantiu outra vitória acachapante na sua campanha de reeleição, jogando-o nos braços de um povo que simplesmente o idolatrava.

Ele já havia completado sete anos e dez meses à frente do Brasil e o único aspecto negativo de sua presidência talvez fosse aquele relativo aos assuntos que, de alguma forma, o confrontavam com seus valores religiosos. Homem de fé inabalável e seguidor irrestrito das bases teológicas que regiam sua igreja, o político recebera críticas por vetar projetos de lei que tratavam de questões como a regularização do aborto, da união homoafetiva e do casamento poligâmico, dentre outros. Ele fora alvo, também, de protestos por parte da comunidade científica quando usou seu poder de veto para impedir avanços em pesquisas e tratamentos na área da Genética Humana. Todavia, como seu capital político era vasto e sua popularidade enorme, o presidente foi capaz de superar seus críticos, que reconheceram ser impossível derrotá-lo e simplesmente decidiram aguardar sua saída do Palácio da Alvorada para reenviarem os projetos.

Embora assessores e membros de seu grupo político afirmarem que era possível, Martins se recusou a enviar um projeto ao Congresso Nacional que lhe permitisse disputar uma terceira eleição consecutiva para presidente. Apesar de ser algo que não estava previsto na Constituição, todos acreditavam que o presidente tinha força política e – principalmente – o apoio da opinião pública para fazê-lo. Todavia, mesmo possuindo a consciência de que as chances de sucesso daquela ideia eram grandes, o *Coluna de Ferro* se negou a levá-la adiante.

Conhecendo o temperamento firme e a obstinada resolução de Martins, a direção do partido do presidente aventou, então, a possibilidade dele escolher seu sucessor. Havia o consenso – quase unânime – de que o nome ungido por ele teria grandes chances de ser eleito, pois seria muito difícil derrotar alguém que tivesse o apoio do melhor presidente da história do Brasil. Entretanto, Washington também não se dispôs a fazê-lo. Havia um motivo bastante pragmático para aquela decisão, que gerou bastante atrito com os principais integrantes de seu partido: ele não tinha a convicção de que havia alguém nos quadros de sua agremiação política que pudesse continuar seu trabalho e fosse capaz de preservar seu legado.

Incapaz de demover Martins de seus ideais, seu partido lançou Reginaldo Ferreira – um de seus poucos críticos – como candidato à presidência. A recusa do presidente em participar de qualquer ato de campanha enviou ao eleitorado um claro sinal de que Ferreira não possuía sua confiança, o que acabou resultando numa fragorosa derrota no primeiro turno. O principal

partido de oposição venceu as eleições, causando uma cisão na agremiação do *Coluna de Ferro*, que – subitamente – se viu isolado.

Vivendo seus últimos dias de mandato, Washington não se preocupava com aquela situação inusitada: mesmo com índices gigantescos de aprovação e popularidade diante do povo, não gozava de prestígio dentro de seu partido. Entretanto, ele possuía a sensação de dever muito bem cumprido e a certeza de que havia entregado um Brasil muito melhor do que recebera há quase oito anos. Já não desejava aprovar nenhum grande projeto naquele tempo que restava até o fim de sua incumbência como Chefe de Poder Executivo. Ele queria apenas assegurar uma transição suave para o próximo governo e se engajava diretamente no processo.

Já seus planos para a vida pós presidência eram escrever sua biografia, criar um instituto filantrópico e – principalmente – curtir a família. Sem que ele percebera, Martins havia passado os últimos quinze anos se dedicando ao Brasil e negligenciando sua esposa e filha. Agora, era o momento de retribuir o apoio, o carinho e a compreensão que as duas mulheres mais importantes de sua vida lhe haviam generosamente ofertado ao longo de uma década e meia.

Porém, tudo começou a mudar na manhã de uma quarta-feira ensolarada de outubro. Era o terceiro dia após as eleições e Martins havia passado a segunda e a terça-feira recebendo ligações e mensagens – pouco lisonjeiras e contendo termos impublicáveis – de membros do partido que o culpavam pela perda do poder e o acusavam de pensar somente em si mesmo. O ainda presidente ouviu e leu todas, mas não respondeu nenhuma. Ele não se importava em ser o bode expiatório para a retumbante derrota de sua legenda, bem como tinha a certeza de que os xingamentos e a fúria de seus colegas de partido se dissipariam com o passar dos dias. Além disso, ele não se arrependia de sua decisão de não participar da campanha eleitoral e gozava do reconfortante sentimento de dever cumprido. Graças a ele, o Brasil havia – finalmente – encontrado o caminho do desenvolvimento sustentável e aquilo era muito mais importante que a opinião de políticos indignados com os benefícios perdidos.

O *Coluna de Ferro* estava só em seu gabinete, lendo os jornais do dia quando telefone tocou. Era Catarina, sua esposa, que – aos prantos – lhe informava que sua filha Andreza havia desmaiado enquanto andava de bicicleta e tivera de ser internada às pressas. Dirigindo-se rapidamente para o hospital, Washington esperou – ao lado de Catarina e por longas quinze horas – o despertar da filha. A jovem de dezesseis anos se recordava apenas de que estava

pedalando por uma via pouco movimentada quando não mais sentiu os braços e chocou-se violentamente contra um muro. Após dois dias de internação, Andreza Martins foi liberada, carregando consigo um diagnóstico que constituía o mais formidável desafio à tenacidade de seu pai.

Tomografias computadorizadas e exames clínicos indicavam que a filha do presidente fora acometida por uma rara e agressiva doença neurodegenerativa, que causava a atrofia progressiva dos músculos e retiraria de Andreza o controle sobre os mesmos. Os prognósticos mais otimistas previam-lhe uma sobrevida de, no máximo, dois anos. Os inúmeros especialistas consultados pelo casal Martins afirmaram que não haviam medicamentos ou tratamentos convencionais capazes de curar a patologia, nem mesmo impedir seu avanço.

Nenhum dos neurologistas visitados – brasileiros e estrangeiros – vislumbrava um tratamento para a filha do *Coluna de Ferro* através de métodos considerados ortodoxos. Entretanto, dois ou três apontaram que poderiam haver esperanças no campo das terapias de manipulação genética, através da inserção de trechos modificados de DNA no organismo de Andreza. Os médicos foram bastante claros ao afirmar que as alternativas sugeridas por eles se situavam apenas no universo das teorias e que as intervenções não seriam capazes de reverter a atrofia. Mas poderiam – sempre teoricamente falando – interromper o processo e salvar a vida da filha do presidente.

Ironicamente, as opções apresentadas pelos especialistas se enquadravam exatamente nos tipos de tratamentos e pesquisas genéticas que haviam sido sumariamente vetados por Martins durante sua gestão. Tais procedimentos de reprogramação genética não obtiveram a sanção presidencial porque se colocavam diretamente contra suas crenças. Isso porque a vertente religiosa seguida pelo presidente proibia peremptoriamente qualquer tipo de intervenção médica que resultasse em inserção de material biológico de outra pessoa no corpo de outrem. Deste modo, não somente a terapia genética era proibida, mas também transfusões de sangue ou transplantes de órgãos.

Tal situação iniciou uma grave crise conjugal entre Washington Martins e sua esposa. Enquanto Catarina desejava que a filha fosse submetida a algum tratamento genético, o presidente mostrava-se irredutível em suas convicções. Para ele, o mal que acometera a filha era uma premeditação divina da qual não podiam se esquivar e, assim sendo, a terapia proposta pelos médicos nada mais era do que uma provocação aos desígnios do Todo Poderoso. Para ela, permitir que a filha sucumbisse sem tratamento configurava a verdadeira

heresia. Andreza, por sua vez, não tomava partido na discussão dos pais e sofria em silêncio, sendo demolida – interna e externamente – pela perspectiva de um futuro que lhe escaparia pelas mãos em muito pouco tempo.

Em virtude da grande projeção de Washington Martins, o drama de sua filha rapidamente se tornou um assunto debatido em níveis globais. Com grande celeridade, a opinião pública se dividiu em dois grupos – um favorável e outro contra o presidente – que começaram uma ruidosa e virulenta discussão em redes sociais, em veículos de comunicação e nas ruas. Especialistas em Genética travavam debates acalorados com religiosos em programas de TV; pastores apoiavam a posição de Martins em seus cultos; acadêmicos tomavam posições em ambos os lados da matéria durante suas aulas, em palestras e congressos. Com a eleição já decidida, nenhum escândalo político no horizonte e a estável situação brasileira, o destino de Andreza Martins tornara-se o assunto principal da maior nação da América Latina.

Washington não demorou a perceber que o tempo se tornara seu maior inimigo. Todos os especialistas que eram convidados a opinar sobre o estado de sua filha afirmavam categoricamente que cada dia que se passava significava menos chances de sobrevivência para Andreza. A cada dia que se passava, o presidente sentia sua esposa se distanciar e se refugiar no ódio que ela claramente alimentava em relação a ele. E, além disso, existia o pior e mais contundente sinal de que o relógio trabalhava contra ele: a deterioração física de sua filha, que já não era capaz de controlar as próprias pernas.

O *Coluna de Ferro* sentiu também o peso de ter a opinião popular – que ele dominara com maestria durante seus anos no Palácio do Planalto – em seu desfavor quando, uma semana depois que o drama de sua filha tornara-se público, Catarina começou a divulgar vídeos e fotos do cotidiano de Andreza. Cada postagem da esposa – que já não mais conversava com ele – se espalhava viralmente pelas redes sociais e fazia com que o número de apoiadores do presidente diminuísse numa velocidade espantosa. Martins já não podia aparecer em público, almoçar em restaurantes ou mesmo ir a um supermercado desacompanhado de seus seguranças pessoais. Inúmeros artistas – que haviam, inclusive, o apoiado em eleições – participaram de campanhas e assinaram manifestos contra ele. Apesar de toda sua dedicação ao país no decorrer de sua carreira política e de todas as suas realizações em prol do desenvolvimento da nação, ele provava o amargo gosto da ingratidão e do ódio. As multidões o haviam apelidado de “Coração de Gelo”.

Percebendo o isolamento e o sofrimento do presidente, alguns de seus assessores mais próximos sugeriram que ele se afastasse do cargo e permitisse que seu vice – Felipe Arrudas – assumisse para assinar um decreto liberando tratamentos médicos através de manipulação genética. Arrudas, um amigo de longa data de Washington, se mostrava disposto a fazê-lo, mesmo correndo o risco de ser lembrado como o traidor do maior político da história brasileira. O presidente, contudo, não aceitou a ideia, justificando que fora eleito pelo povo para cumprir seu mandato até o último dia. Foi sugerido então que ele fizesse uma viagem ao exterior e deixasse Fábio, como interino, para assinar o decreto que potencialmente poderia salvar a vida de Andreza. Martins refutou a iniciativa com mais veemência do que a primeira e avisou que não toleraria mais sugestões como aquela.

Catarina Martins procurou por maneiras de tratar a filha no exterior sem o conhecimento do marido. Contudo, uma vez que Andreza tinha apenas dezesseis anos, todas as clínicas que ofereciam o tratamento de manipulação genética exigiam que um termo de responsabilidade fosse assinado por ambos os responsáveis legais do paciente. Uma vez que seu marido era mundialmente conhecido e o caso de sua filha já era conhecido em proporções globais, seria impossível levar Andreza para um outro país sem que Washington soubesse ou fosse avisado.

Profunda conhecedora do temperamento de seu esposo e testemunhando a célula piora no quadro de saúde da filha, Catarina decidiu ignorar a raiva que a dominava e tentou se reaproximar de Washington. Apesar de também morar no Palácio da Alvorada, ela se aproveitava das dimensões gigantescas da residência oficial para se manter distante do marido, que também não se esforçava em encontrá-la. O casal já nem dividia o mesmo quarto, visto que Catarina passava praticamente os dias no quarto de Andreza – que fora transformado numa enfermaria – enquanto o presidente dormia num pequeno cômodo contíguo ao seu escritório particular.

Numa noite, porém, depois de presenciar a dificuldade de Andreza em sentar-se na cadeira de rodas, a primeira-dama decidiu procurar Washington em seu escritório. Um mês havia se passado desde o primeiro incidente da filha e eles praticamente não haviam conversado após o ocorrido. Depois de se deixar Andreza sob a vigilância de uma enfermeira, Catarina cruzou os corredores vazios do palácio e encontrou o marido recostado em uma janela, observando as luzes de Brasília. O presidente ainda estava usando o terno completo e, como estava de costas para a porta por onde a esposa entrou, não percebeu a chegada desta.

Ele somente se deu conta de que não estava mais só no recinto quando notou o reflexo de Catarina no vidro da janela. Todavia, o *Coluna de Ferro* continuou calado.

— Precisamos conversar, Washington. — ela disse, ao perceber que o marido não iniciaria a conversa. — Sobre Andreza.

— Você sabe qual é a minha opinião sobre este assunto. — retrucou ele, secamente, permanecendo com as costas viradas para a esposa.

— Nossa filha está morrendo, Washington! — falou a esposa, a voz embargada, tentando fazer com que o marido a olhasse diretamente nos olhos.

— Você não precisa me dizer isto, Catarina. — o presidente respondeu, impassível. — Estou ciente do estado de saúde de nossa filha.

— Não me parece que você saiba. — retrucou a mulher. — Andreza está definhando, mas você ignora isso.

— Eu não ignoro a situação dela. — afirmou ele, de forma ríspida.

— E por que você não faz nada para ajudá-la, Washington?! — ela perguntou, agarrando o braço do marido com força. — Por quê?

— Nós já fizemos tudo que podia ser feito, Catarina! — o presidente respondeu, usando um safanão para se desvencilhar da esposa. — Você sabe muito bem disso!

— Você sabe que é mentira! Ela ainda tem alternativas!

Washington Martins caminhou para o outro lado do cômodo. Catarina não se deu por vencida e o seguiu, tentando – novamente – fazer com que ele a olhasse nos olhos. Irritado com a insistência da esposa, ele a segurou com força pelos ombros e a encarou. Os olhos do presidente estavam injetados de sangue, o rosto estava tomado pelo rubor e a respiração era rápida e forte.

— Estou cansado de ouvir que nossa filha pode ser salva por um bando de cientistas que desejam ser Deus, Catarina! — ele falou, a voz carregada de fúria. — Estou cansado disto! Exausto! Exaurido! Não vou arriscar a alma imortal de nossa querida Andreza para salvar seu corpo mundano! Você sabe que o Senhor não permite este tipo de tratamento que estão nos propondo e que nossa filha pode ser castigada eternamente por causa disso! Você sabe disso e deveria estar do meu lado! Deus não quer isto!

O *Coluna de Ferro* soltou a esposa, que caiu de joelhos no chão e lá permaneceu, em prantos. Ele retornou até a janela onde estava anteriormente e voltou a observar a noite brasiliense. Por alguns instantes, os únicos sons ouvidos no recinto eram a respiração ofegante de Washington e os soluços de Catarina. Até que a mulher se levantou e – após limpar o rosto – perguntou:

— Você acredita então que Deus quer que nossa filha defina até a morte, Washington?

O presidente não respondeu de imediato. Após ficar alguns instantes em silêncio, ele suspirou profundamente e, só então, falou.

— Nós somos incapazes de compreender os desígnios do Altíssimo, Catarina. Eu sou um homem temente a Deus e não posso agir contra a vontade Dele. Não posso permitir que o espírito de nossa filha não encontre o caminho da felicidade eterna devido a uma decisão minha. Simplesmente, não posso.

— Entendo. — disse a mulher, resignando-se. — Mas você já perguntou a nossa filha o que ela deseja? Você se esqueceu do livre arbítrio dela, Washington?

O presidente se virou para contra-argumentar Catarina, mas esta saiu rapidamente do escritório, as mãos tapando o rosto. Novamente sozinho, Washington fechou os olhos e sentiu uma lágrima escorrer-lhe pela face. Após um longo suspiro, ele sentou-se na poltrona utilizada para suas leituras matinais de notícias e ficou olhando o luar da capital brasileira.

Como havia dito à esposa, Martins sentia-se extenuado. Desde que recebera o terrível diagnóstico de Andreza, ele sentia como se o cansaço acumulado durante todos os seus anos de vida pública estivessem lhe pesando os ombros de uma só vez. Já não conseguia trabalhar com o mesmo vigor de outrora e encontrava grandes dificuldades para se concentrar em qualquer assunto. Vários questionamentos relacionados ao estado da filha lhe ocorriam ao longo dos dias e lhe drenavam a tão afamada eficiência. Parecia que ele definhava junto com sua unigênita.

Dentre as várias perguntas que lhe passavam pela mente, aquelas de cunho religioso eram as que mais perturbavam Washington. O presidente sempre fora – desde o final de sua juventude – uma pessoa extremamente ligada à igreja, acreditando em todos os dogmas e respeitando todas as bases teológicas. No entanto, a doença de Andreza plantou diversas dúvidas em sua mente, dúvidas que ele – devido ao seu temperamento e o afastamento de sua



esposa – mantinha exclusivamente para si: por que sua filha? Por que não ele, que já era bem mais velho? Por que não a filha de outrem?

Se – apesar de tudo – aqueles questionamentos ainda não eram capazes de abalar a fé do presidente, eles começavam a alimentar uma revolta do primeiro mandatário brasileiro, que ele preferia não externar. A cada vez que se encontrava com Andreza – que já utilizava uma cadeira de rodas para se locomover –, Martins sentia uma profunda indignação: o que ele ou a filha fizeram para merecer aquilo? Após ter ajudado a transformar o Brasil numa nação modelo, por que Deus lhe reservara aquilo?

A situação e o modo de ser de Washington Martins o impediam de fazer aqueles questionamentos para outras pessoas. Ele encontrava-se isolado, tanto no campo político quanto no familiar, e não tinha disposição em procurar ajuda com terceiros. Os longos e solitários anos na Presidência da República – em especial, o último – haviam criado nele o hábito de tomar decisões unilaterais e baseadas unicamente em suas próprias convicções, sem consultas mais extensivas aos seus inúmeros assessores. Como resultado, o político era obrigado a remoer em silêncio todas aquelas dúvidas e ressentimentos, tornando-se cada vez mais fechado para outros pontos de vista.

“Você se esqueceu do livre-arbítrio dela, Washington?”, a pergunta feita por sua esposa, momentos antes, lhe voltou à cabeça. Havia muito sentido naquela indagação. Na verdade, alguns anos haviam se passado sem que o *Coluna de Ferro* se preocupasse com os efeitos de suas escolhas sobre as vidas das outras pessoas. Como Chefe do Executivo e forçado a tomar decisões que afetavam milhões de brasileiros, Martins aprendera que não era possível beneficiar a todos ao mesmo tempo. Na verdade, seu papel era tentar encontrar um meio de favorecer a maior parte da população, mesmo sabendo que haveriam prejudicados, independentemente do caminho escolhido.

No caso específico de sua filha, Washington tinha consciência de uma possível decisão sua em favor da liberação de tratamentos com manipulação genética talvez não causasse malefícios a ninguém. Durante suas conversas com os especialistas que haviam avaliado o estado clínico de Andreza, ele fora informado que as terapias que envolviam a modificação de genes deviam ser consideradas como um último recurso, devido ao estado ainda experimental, custo e riscos das mesmas. Deste modo, se derrubasse seu próprio veto, o presidente estaria apenas oferecendo uma derradeira chance a pacientes já desacreditados pela Medicina convencional.

A ideia de anular seu veto, que seria algo inédito em sua gestão, já havia sido levada em consideração pelo *Coluna de Ferro* algumas vezes. Ele, entretanto, não compartilhara tais pensamentos com ninguém e sempre se decidira a não levar a iniciativa adiante. Além do aspecto religioso, existiam ainda seus valores morais. Se ele, anteriormente, havia vetado projetos que pleiteavam a chance de desenvolver pesquisas na área da manipulação genética, o faria agora porque a vida de sua filha estava em jogo? O que ele diria para os pais dos pacientes que haviam sucumbido até aquele dia, exatamente porque não puderam ter acesso àquele tipo de tratamento? Seria justo agir daquela forma, apenas porque sua posição na hierarquia nacional o permitia?

As divagações silenciosas do presidente na confortável poltrona foram sendo embaçadas pelo cansaço e ele acabou por adormecer. Desde o fatídico dia do diagnóstico da filha, o *Coluna de Ferro* não conseguia mais dormir tranquilamente. Em decorrência disso, seu sono foi agitado e povoado de sonhos ruins. Um deles foi tão perturbador que acabou por acordá-lo. Assustado, saltou da poltrona e olhou ao seu redor, para assegurar que ainda se encontrava sozinho no recinto. Através da enorme janela, notou que nuvens cinzentas haviam tomado conta do firmamento e prenunciavam chuva. Consultou o relógio de pulso e viu que já eram três e dez da madrugada.

Martins retirou o paletó do terno, afrouxou o nó da gravata, desabotoou as mangas da camisa e pegou um copo de água no pequeno frigobar do escritório. Em seguida, atravessou o discreto pórtico que dava acesso ao gigantesco corredor externo que circundava todo o palácio. A brisa noturna já carregava o frescor e o aroma característicos da chuva que se aproximava, soprando algumas folhas contra os pés do presidente. Quando as primeiras gotas começaram a cair no bem cuidado gramado de sua residência oficial, Martins caminhou até o limite do corredor e esticou o braço para além do telhado para ser tocado pela chuva. Ao sentir uma gotícula em sua mão, ele inspirou com força o ar madrigal, fechou os olhos e soltou a respiração bem lentamente. Como desejava que seus problemas fossem levados embora por aquela suave precipitação que acariciava a madrugada da capital da República.

Ao abrir os olhos, Washington enxergou dois vultos no final do longo corredor, sendo que um deles estava numa cadeira de rodas. Ele estranhou a presença da filha, naquele lugar naquele horário, e hesitou sobre o que fazer. De onde se encontrava, percebeu que Andreza estava de costas para ele e não havia notado sua presença, o que lhe permitiria retornar para

seu gabinete sem ser visto. Martins chegou a dar um passo para trás, mas decidiu caminhar ao encontro da filha.

Andreza somente percebeu que o pai se aproximava quando este estava a poucos passos dela. A enfermeira que a acompanhava cumprimentou o presidente de forma bastante solene e este devolveu a saudação com sua sisudez protocolar característica. Ato contínuo, o mandatário solicitou que ele e a filha fossem deixados a sós. A serviçal obedeceu de prontidão e se retirou. Washington então conduziu a cadeira de Andreza até um ponto onde podiam contemplar a fina chuva sem se preocupar em serem molhados pela mesma.

Pai e filha ficaram em silêncio por alguns instantes, observando a tênue cortina de água que caía placidamente sobre o gramado. O *Coluna de Ferro* passara a visitar Andreza todos os dias após a queda da bicicleta, algo que ele nunca fizera antes. Ela crescera dentro das residências oficiais reservadas para o progenitor, mas sempre tivera muito pouco contato com ele. Já Washington carregava consigo o pesado fardo de não ter aproveitado a infância e a adolescência da filha o quanto deveria. Subitamente, ele compreendeu que os anos haviam se passado sem que ele percebesse – ou que não se importasse, talvez – e não havia nada que pudesse ser feito.

Dominado por aquele sufocante sentimento de impotência diante da inexorável marcha do tempo, o presidente decidiu se sentar ao lado da cadeira de rodas da filha. Seria mais fácil daquela maneira, pois não precisaria encarar a jovem. Por ser um homem bastante alto, sua cabeça ficava quase na mesma altura da cabeça de Andreza.

— O que você está fazendo aqui uma hora destas, filha? — perguntou ele, olhando para a chuva.

— Eu estava sem sono, pai.

Ainda que fosse perfeitamente possível entender o que ela dizia, Washington notou que a dicção de Andreza já não era tão bem articulada quanto outrora. A terrível sensação de estar ciente que a filha nunca mais seria a mesma somente aumentava a aflição do político. Parecia que algo lhe escalava a garganta a procura de uma saída.

— Além disso, gosto de passear pelo corredor externo de madrugada, pois os fotógrafos não ficam ao redor do palácio neste horário. — continuou a jovem. — Aí eu não me sinto tão exposta perambulando por aqui.

— Entendi.

Alguns segundos de inquietante silêncio se passaram. Enquanto Andreza admirava a chuva, o presidente aproveitou que se encontrava um pouco atrás da linha de visão da filha para observá-la com mais cuidado. O sinal mais visível do avanço da patologia eram os leves tremores que acometiam as pernas da jovem, impedindo-as de ficarem paradas. O belo rosto de sua unigênita ainda não mostrava sinais de desfiguração e o semblante – apesar de todo o *stress* vivido por ela – aparentava tranquilidade.

— E o que o senhor está fazendo aqui? — Andreza indagou, rompendo o silêncio e virando-se para o pai. — Ao contrário de mim, você tem muita coisa pra fazer durante o dia, não?

— Sim, tenho. — admitiu ele, tentando sorrir. — Mas também perdi o sono e resolvi dar um passeio. Eu adoro contemplar uma chuva caindo mansamente sobre um gramado.

— Acho que herdei isto de você então, pai. — ela afirmou, sorrindo.

O *Coluna de Ferro* sorriu de volta e colocou suas enormes mãos sobre as da filha, apertando-as levemente. Como ele desejava que todo o sofrimento de Andreza pudesse ser transferido para ele através daquele gesto! De bom grado e sem hesitação, aceitaria trocar de lugar com a jovem. Por dentro, ele se perguntava, numa frequência e revolta cada vez maiores: por que aquilo, meu Deus?

— Eu falei pra mamãe não ficar nervosa com o senhor, mas ela não tem me escutado nos últimos dias. — ela contou, colocando as mãozinhas frágeis sobre as mãos do pai e acariciando-as. — Eu disse pra ela que tudo vai ficar bem...

— Sua mãe tem os motivos dela para estar assim, querida. — o político ponderou. — Na verdade, eu e ela temos estado bastante nervosos ultimamente e não temos conversado muito. Mas hoje, a noite, ela me lembrou de uma coisa importante da qual eu havia me esquecido.

Washington se ajoelhou diante da cadeira de rodas, colocou as mãos da filha entre as suas e encarou Andreza. Quando seus olhos encontraram os dela, o *Coluna de Ferro* não pôde evitar que lágrimas comesçassem a escorrer pelo seu rosto. Envergonhado por sua demonstração de fraqueza, o presidente colocou a cabeça no colo da filha.

Aquilo foi algo inesperado para a jovem, que nunca havia presenciado uma reação sentimental do pai, por menor que fosse. Ela crescera vendo um homem forte – um líder nato e resoluto –, determinado a fazer do Brasil um lugar melhor. Andreza já havia visto, diversas

vezes, o pai ter acessos de fúria e momentos de completa abstração. Lágrimas eram, no entanto, algo absolutamente inédito.

— Desculpe, minha filha. — pediu ele, com a voz embargada. — Eu não queria que você testemunhasse isso.

— Não se preocupe com isso, pai. — ela disse, enquanto gentilmente acariciava os cabelos do *Coluna de Ferro*. — É bom, finalmente, perceber que o senhor também é capaz de chorar.

Washington levantou um pouco o rosto – ainda vermelho e úmido –, revelando um sorriso tímido que rapidamente desapareceu. O presidente não se recordava quando chorara pela última vez, nem por qual motivo. A vida pública havia lhe ensinado a controlar certas emoções que podiam ser interpretadas como fraqueza; e chorar era uma delas. Todavia, naquele instante – diante da filha doente – lhe era impossível conter as lágrimas.

— A verdade é que você tem sido mais forte que sua mãe e eu, filha. — ele comentou, ainda com a cabeça no colo de Andreza. — Sua coragem é admirável.

— Eu não sou corajosa, pai. — ela admitiu. — Acho que sou uma pessoa resignada, no máximo.

A jovem esperou que seu progenitor dissesse algo a respeito, mas ele preferiu ficar em silêncio e com os olhos fechados, aproveitando aquela inesperada – para ele – sensação de bem-estar oriunda do simples fato de ser acariciado pela filha. Como ele permitira que tanto tempo se passasse sem que vivenciasse um momento tão sublime como aquele? Que outras ocasiões especiais ele desperdiçara ao longo daqueles dezesseis anos?

— Para lhe ser sincera, pai, o pensamento de que meu corpo definha e de que caminho para uma morte lenta me invade todos os dias, causando pânico e me fazendo suar frio. — Andreza continuou. — Eu apenas tento disfarçar o que sinto.

— Então há algo mais que você herdou de mim, querida. — Washington falou, mantendo os olhos cerrados para melhor sentir os delicados dedos da filha deslizando pelos seus cabelos. — Você também consegue aparentar ser mais forte do que realmente é.

Andreza sorriu docemente em concordância. Ainda com a cabeça sobre o colo da filha, Washington podia sentir os tremores que vinham das pernas da jovem. Ele as abraçou fortemente, desejando – do fundo da alma – que, de alguma forma, aquele gesto pudesse

interromper o processo degenerativo que agia implacavelmente contra sua unigênita. Por que Deus não agia através dele e a livrava daquele sofrimento?

A fúria em relação ao Todo Poderoso, o arrependimento pelos momentos não compartilhados com a filha e a sensação de completa impotência diante da situação de Andreza sobrepujaram o *Coluna de Ferro*, que começou a chorar copiosamente. Incapaz de se controlar, ele soluçava enquanto suas lágrimas molhavam as roupas da jovem. Apesar de seus esforços, era impossível impedir aquela enxurrada de emoções que finalmente haviam conseguido expugná-lo e que irrompiam inapelavelmente rosto abaixo.

Sem saber o que fazer, Andreza apenas se curvou sobre o corpo do pai e abraçou-o. Os dois permaneceram naquele enlace por vários minutos, até que a intensidade do choro de Washington diminuiu e os soluços cessaram. O presidente se levantou e limpou a face da melhor maneira possível.

— Desculpe, filha. — ele disse, a voz ainda carregando sinais de emoção. — Não era eu quem deveria chorar neste momento...

As lágrimas voltaram a escorrer pelo rosto de Washington, que se ajoelhou diante da filha e ficou acariciando-lhe a face. Andreza, que até aquele instante havia mantido o controle, também começou a chorar, puxando o pai para junto de si e abraçando-o com força.

— Desculpe, meu amor. — ele repetiu, as palavras saindo entrecortadas e abafadas. — Desculpe por não ter sido o pai presente que você merecia... Desculpe por não ter estado junto de você quando eu deveria estar...

— Eu nunca lhe cobrei isso, papai. — ela falou, a voz embargada. — Você sabe disso... Eu sempre tive consciência de que todas as vezes em que o senhor esteve ausente, você estava trabalhando por um bem maior. Eu não podia ser egoísta a ponto de exigir que você me colocasse à frente de um país inteiro...

Surpreendido por aquelas palavras, Martins se desvencilhou dos braços da jovem para poder beijar-lhe a face. A fala tão madura de Andreza gerou sentimentos ambivalentes no presidente: ele se sentia aliviado por saber que a filha compreendia seus esforços em prol da nação, mas – ao mesmo tempo – se sentia ainda mais arrependido por não ter passado mais tempo com aquela jovem tão generosa.

— Fico feliz em ouvir isso, minha querida.

— Eu cresci ouvindo a mamãe me dizer isto praticamente todos os dias. — Andreza revelou. — Ela pode estar com muita raiva do senhor agora, mas tenho certeza de que o amor dela por você não diminuiu nem um pouco...

Aquela revelação criou outra sensação de ambivalência no *Coluna de Ferro*, desta vez em relação à esposa, sua companheira a quase quarenta anos: ele se assegurara de que – a despeito de tudo – Catarina ainda o amava. E a certeza de possuir aquele amor tão fiel, mesmo naqueles dias tão conturbados, incutia-lhe um desagradável sentimento de culpa em relação ao tratamento frio que vinha dedicando à mulher nas últimas semanas.

— Meu amor por sua mãe também não diminuiu, querida. — ele confessou. — Nós apenas não temos conversado como de costume. E a culpa é toda minha, eu admito.

O presidente ajeitou o corpo de modo que seu rosto ficasse na mesma altura da face de Andreza. Encarando os belos olhos da filha, Martins fez outra confissão:

— Na verdade, minha querida, eu sou obrigado a reconhecer que tenho agido de maneira muito autoritária e unilateral desde que descobrimos seu problema. Não tenho ouvido a opinião de ninguém, como se eu fosse o dono da verdade...

— É o seu trabalho, papai... — Andreza ponderou.

— Não! Não! — Washington retorquiu com severidade. — Você e sua mãe não são meu trabalho, Andreza. Vocês são minha família, minha vida! Eu não posso tratá-las como se fossem minhas funcionárias.

Martins apertou as mãos da filha e permaneceu em silêncio por alguns segundos.

— Eu tenho tomado decisões por você há dezesseis anos, minha querida. — ele continuou. — Acho que é chegada a hora de você começar a tomá-las por si mesma. E, para isso, preciso que me responda, com toda a franqueza do mundo: como devemos conduzir seu tratamento?

O questionamento feito pelo pai foi mais uma surpresa vivida por Andreza naquela noite já tão peculiar. Com o decorrer dos anos, a jovem se viu acostumada a não questionar as decisões paternas e apenas acatá-las. Mesmo em relação àquele assunto tão grave e que lhe afetava diretamente mais que qualquer outro imaginável, ela não ousara argumentar contra seu progenitor. Até aquele instante, em momento algum ela havia manifestado sua opinião sobre o que gostaria que fosse feito, nem mesmo para sua mãe, que lhe era a pessoa mais próxima e sua principal confidente.

— Como devemos conduzir seu tratamento, minha filha? — Washington insistiu, ao perceber a hesitação de Andreza. — Devemos procurar outras alternativas?

A jovem fitou os olhos do presidente, mas não conseguia externar sua opinião.

— Não se acanhe, querida. Não tenha medo de dizer o que realmente pensa.

— Eu não quero morrer jovem, papai... — Andreza finalmente falou. — Sei que os meios para me salvar não são permitidos por nossa religião e vão de encontro aos valores que o senhor mais aprecia, mas eu gostaria de tentar a terapia de manipulação genética...

Washington sorriu e meneou positivamente a cabeça.

— Não quero morrer, papai! — ela disse, irrompendo novamente em lágrimas e abraçando o presidente. — Sei que não serei mais a mesma, não importa o que aconteça de hoje em diante, mas tenho medo da morte! Não me deixe morrer, pai!

Martins abraçou a filha com força e beijou-lhe os cabelos diversas vezes. O choro de Andreza era intenso e doído, mas ele não fez nenhuma menção em tentar interrompê-lo. Era melhor deixar que a jovem continuasse a extravasar todas as emoções que a dominavam. Aos poucos, a intensidade do pranto diminuiu.

— Eu não quero morrer, pai... — Andreza falou, mais uma vez, agarrando-se com mais força a Washington. — Não me deixe morrer, por favor...

— Não deixarei, meu amor... — o presidente disse, as palavras saindo entrecortadas pelo choro que retornara abruptamente. — Não deixarei...

Pai e filha permaneceram abraçados por longos minutos, sem nada dizerem. E ali – enquanto Andreza o segurava com força num abraço cuja intensidade ele nunca experimentara antes e como se ele tivesse algum poder sobrenatural capaz de curá-la – Martins tomou sua decisão. Sem dúvida, a mais importante e corajosa decisão de toda a sua vida.

Com um singelo beijo na testa, o presidente conduziu a filha de novo para o quarto. Catarina encontrava-se dormindo no cômodo, desconfortavelmente deitada numa poltrona, e – vencida pelo cansaço daquele e de outros dias lidando com a doença de Andreza – e não percebeu a chegada do esposo e da filha. Com a ajuda da enfermeira, que estava acomodada em uma segunda poltrona, Washington colocou Andreza na cama e despediu-se com um beijo de boa noite. Passando diante da esposa, Martins curvou-se e beijou-a delicadamente na testa,